

Morfologia dos diásporos e da plântula de *Caryota urens* L.

Pimenta, Ricardo Soares¹; Pivetta, Kathia Fernandes Lopes²; Paula, Rinaldo César de³; Moro, Fabíola Vitti⁴; Luz, Peterson Baptista da⁵.

¹ Doutorando do Programa de Produção e Tecnologia de Sementes, Departamento de Produção Vegetal (UNESP/FCAV), Campus de Jaboticabal, Via de acesso Prof. Paulo Donato Castellane s/n 14884-900, Jaboticabal, São Paulo, fone (16) 3209-2668, email: pimenta@fcav.unesp.br; ² Professora Doutora (UNESP/FCAV), Departamento de Produção Vegetal, email: kathia@fcav.unesp.br; ³ Professor Doutor (UNESP/FCAV), Departamento de Produção Vegetal, email: rcpaula@fcav.unesp.br; ⁴ Professora Doutora (UNESP/FCAV), Departamento de Biologia, email: fabiola@fcav.unesp.br; ⁵ Doutorando do Programa de Produção e Tecnologia de Sementes, Departamento de Produção Vegetal (UNESP/FCAV), email: petterbaptista@yahoo.com.br.

Caryota urens (Lam.) Mart., embora muito utilizada, há poucas informações sobre produção de mudas; desta forma, este trabalho teve como objetivo descrever a morfologia do diásporo (semente com o endocarpo aderido) e da plântula. Frutos de *Caryota urens* (Lam.) Mart. foram coletados de matrizes localizadas no município de Jaboticabal-SP, no dia 01 de agosto de 2003. O trabalho foi conduzido no Laboratório de Análise de Sementes Hortícolas do Departamento de Produção Vegetal e no Laboratório de Morfologia do Departamento de Biologia Aplicada à Agropecuária, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, FCAV/UNESP, Campus de Jaboticabal. Após a colheita, o epicarpo e o mesocarpo dos frutos foram removidos por meio de atrito manual contra a peneira sob água corrente. Os diásporos foram enxaguados em água corrente e secos à sombra por 24 horas. Efetuou-se a semeadura de 100 diásporos em bandejas de plástico transparente (50 x 25 x 0,6 cm), contendo uma camada de 5 cm do substrato vermiculita média umedecida. O sistema foi mantido em condições não controladas de laboratório. Nas regas, utilizou-se água destilada com nistatina a 0,2% para minimizar a contaminação por fungos e foram realizadas sempre que se observou a necessidade de reposição de água no substrato. As faces externa e interna dos diásporos, bem como o embrião, foram esquematizados com auxílio de câmara clara acoplada ao estereomicroscópio. Foram retiradas amostras representativas de cada fase do processo germinativo. Estas foram fixadas em FAA (formalina – ácido acético – álcool etílico) para posterior análise. As amostras foram documentadas por meio de esquemas, com auxílio de câmara clara acoplada ao estereomicroscópio, para a documentação e descrição dos eventos morfológicos externos. O início da germinação dos diásporos de *Caryota urens* L. ocorreu entre 9 e 60 dias, com a abertura de um opérculo circular no diásporo, por onde é emitida uma estrutura bulbosa e oca, denominada pecíolo cotiledonar. Essa estrutura é um alongamento do cotilédone único, que internamente passa a funcionar como órgão de absorção de reservas, denominado haustório. Com o crescimento do pecíolo cotiledonar, o material de reserva (endosperma) vai sendo consumido gradativamente. O pecíolo cotiledonar cresce aproximadamente até 5 cm, quando então se inicia uma dilatação em sua extremidade. Na extremidade dessa região dilatada, inicia-se o crescimento da raiz primária e a abertura de uma fenda longitudinal, por onde emerge a parte aérea, a plúmula. A plúmula é composta pela primeira folha juvenil completa (eófilo) revestida por uma bainha. Nesta fase observa-se o aparecimento de raízes secundárias. A primeira folha de *Caryota urens* L. é pinada, com 2 pinas de forma triangular assemelhando-se à cauda de peixe. A nervação é paralela, com nervuras largas, dispostas longitudinalmente.

PALAVRAS-CHAVES

Phoenix roebelenii, palmeira, germinação.

AGRADECIMENTOS:

Os autores agradecem a Fapesp pelo auxílio pesquisa